

Bloco de Notas

Bloco de Notas

Alexandra Prado Coelho

O Ocidente e a democracia islâmica.

Os EUA não podem esquecer o mundo árabe.

A fuga das elites do Afeganistão.

De que é que uma guerrilha precisa?

O Ocidente e a democracia islâmica

O Islão moderado é hoje a última esperança de democracia para o Médio Oriente, e para o Ocidente pode representar uma das melhores soluções, a longo prazo, para vencer a guerra contra o terrorismo. Esta é a ideia defendida no último número da revista "Foreign Policy" por Ray Takeyh, investigador do Institute for Near East Policy e autor do livro "The Receding Shadow of the Prophet: Radical Islamic Movements in the Modern Middle East", a editar em breve. A sua tese é a de que as políticas islâmicas respeitarão as principais bases da democracia, como as eleições livres, a separação de poderes, a independência da justiça e a existência de oposição, mas continuarão a impor limites em questões de comportamento. Um exemplo é o do papel das mulheres: tal como no Irão actual, elas seriam integradas na vida pública, mas continuariam a sofrer restrições a nível do código de família, por exemplo, e das regras de vestuário. Takeyh aconselha o Ocidente a aceitar estes limites: "A integração de uma democracia islâmica na sociedade democrática global dependerá da capacidade do Ocidente em aceitar uma variante islâmica da democracia liberal. Os islamistas moderados, embora aceitem a existência de alguns valores democráticos 'universais', defendem que as diferentes civilizações devem poder expressar estes valores num contexto aceitável e apropriado à sua região particular".

Os EUA não podem esquecer o mundo árabe

Num excelente artigo publicado na "Foreign Affairs", Fouad Ajami, professor na Universidade Johns Hopkins, especialista no mundo árabe, e autor de vários livros (o último dos quais intitulado "The Dream Palace of the Arabs"), analisa as consequências da "pax americana" no mundo árabe e as diferenças que existem entre a situação de há dez anos, altura da Guerra do Golfo contra o Iraque, e a de hoje. E explica em particular a posição dos países "aliados" dos EUA, como o Egito ou a Arábia Saudita, cada vez mais preocupados em gerir o antiamericanismo que sentem crescer entre as respectivas populações. Quando, para combater o terrorismo, os EUA se dirigiram mais uma vez aos seus aliados pedindo-lhes para "escolher de que lado estavam" fez precisamente aquilo que os dirigentes desses países mais receavam. Desta vez, o máximo que Washington conseguirá no mundo árabe, escreve Ajami, serão "aliados na sombra, que à luz do dia manterão as distâncias". E, se atacar o Afeganistão e derrubar os taliban é "o mais fácil" e o mais consensual, o autor lembra que "as frustrações que vão surgir encontram-se nas profundezas mais ambíguas e impenetráveis do mundo árabe". "Não eram afegãos os que se despenharam contra as torres de aço e vidro ou contra o Pentágono. Eles vinham do mundo árabe", alerta Ajami.

De que é que uma guerrilha precisa?

Desde o início das operações militares contra o Afeganistão que o site do Stratfor - Strategic Forecasting oferece análises detalhadas e actualizadas sobre a situação. Quando os taliban retiraram de todas as grandes cidades, e a hipótese de uma guerra de guerrilha surgiu como a mais provável, o Stratfor analisou as vantagens e desvantagens dessa estratégia do ponto do vista dos "estudantes de teologia". Uma guerra de guerrilha permitiria aos taliban o controlo do "timing", dando-lhes liberdade para lançar ataques quando e onde lhes parecesse melhor. A guerrilha exige muito menos munições, abastecimentos e equipamentos do que uma guerra tradicional, em trincheiras. Para se manterem nas montanhas os guerrilheiros precisam apenas de comida e munições para armas ligeiras, o que pode ser conseguido nas localidades ou através de saques e roubos - no caso dos taliban isto torná-los-ia muito menos dependentes do incerto abastecimento

vindo do ex-aliado Paquistão. No entanto, sublinha a análise, esta ligação com o Paquistão - que foi extremamente importante para os mujahedine durante a guerra contra os soviéticos - continuaria a ser vital. "O apoio externo é crucial para um combate a longo prazo no Afeganistão".

A fuga das elites do Afeganistão

Para compreender o que se passa hoje no Afeganistão é muito importante conhecer o passado do país. É por isso útil ler a entrevista a Barnett Rubin, autor de "The Fragmentation of Afghanistan" e "The Search for Peace in Afghanistan", disponível no site "AsiaSource". Rubin explica, entre muitas outras coisas, que desde o final dos anos 70, quando os comunistas chegaram ao poder, começou a haver enormes campanhas de terror para eliminar grupos rivais. Neste processo, que, com diferentes grupos políticos, dura de 1978 até hoje, têm sido sistematicamente eliminados (mortos ou obrigados a deixar o país) os membros da elite afegã, educada e com formação. É por causa deste "esvaziar" lento - que não se deve apenas ao regime dos taliban - que hoje a comunidade internacional está a ter dificuldades em encontrar interlocutores capazes e dirigentes com capacidade para ajudar a reconstruir o país ultrapassando as velhas rivalidades étnicas e tribais.